

CAIM DE SARAMAGO E A LENDA DO JUDEU ERRANTE: REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UM MITO

CAIN OF SARAMAGO AND THE LEGEND OF THE WANDERING JEW: REFLECTIONS ON THE CONSTRUCTION OF AMYTH

Eliane Alves Leal¹

Resumo:

Resultado das primeiras análises sobre a obra Caim, escrita por José Saramago (2009), este trabalho empenha-se em compreender, historicamente, a construção do mito Caim na longa duração e sua proximidade com a lenda do Judeu Errante. Desse modo, a paródia, em relação à escrita sagrada dos cristãos, bem como a ironia se fazem presentes em cada cena, o que é valioso para compreender o modo como Saramago reconstrói seu protagonista. Assim, esta pesquisa valorizará as relações entre História e Literatura.

Palavras-chave:

História, Literatura, Caim, Paródia, Judeu.

Abstract:

Results of the first analyzes of the work Cain, written by Jose Saramago (2009), this work strives to understand, historically, the construction of the myth of the Cain in along duration and its proximity to the legend of the Wandering Jew. Thus, the parody, for the sacred writing of the Christians, and the irony are present in each scene, which is valuable to understand how Saramago reconstructs its protagonist. Thus, this research appreciate the relationship between History and Literature.

¹ Membro do Laboratório de Estudos Judaicos (LEJ), Professora e Coordenadora Adjunta de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
elianealeal@gmail.com

Key-words:

History, Literature, Cain, Parody, Jewish.

Embrenhar-se em uma pesquisa que busca recuperar um personagem da tradição literária, religiosa e histórica é uma árdua tarefa que se reveste de infinitas nuances e possibilidades interpretativas. Nesse sentido, analisar Caim dentro da historicidade pensada por José Saramago, em 2009, representa uma limitação e um recorte na pesquisa. Todavia, essa opção não elimina a necessidade de observar que a figura dramática chega aos idos dos anos 2000 recheada de características que, nas palavras de Eric Hobsbawm (1984), são um selecionar e resselecionar da tradição. Isso significa que Caim ganhou diferentes sentidos interpretativos, a recepção que o acolheu lhe imprimiu uma historicidade. No entanto, essa historicidade vem acompanhada de elementos que permanecem na longa duração, tornando a obra de Saramago um emaranhado de situações e opções que pertencem a diferentes tempos.

Além disso, trabalhamos com dois campos distintos do conhecimento humano, cujas particularidades tanto convergem quanto se repelem: a História e a Literatura. Portanto, essas duas áreas serão apresentadas de modo que o diálogo entre elas seja profícuo, com vistas a observar a construção de um personagem mítico na história humana.

A sintonia fina de uma época, fornecendo uma leitura do presente da escrita, pode ser encontrada em um Balzac ou em um Machado, sem que nos preocupemos com o fato de Capitu, ou do Tio Goriot e de Eugène de Rastignac, terem existido ou não. Existiram enquanto possibilidades, como perfis que retraçam sensibilidades. Foram reais na “verdade do simbólico” que expressam, não no acontecer da vida. São dotados de realidade porque encarnam defeitos e virtudes dos humanos, porque nos falam do absurdo da existência, das misérias e das conquistas gratificantes da vida. (PESAVENTO, 2006, s/p)

Observar as interlocuções entre História e Literatura, é refletir sobre as relações entre o ficcional e o histórico. Haja vista não haver espaço suficiente para tecer exaustivas considerações acerca dessas fronteiras, nem tampouco é objetivo lançar-se a este desafio neste instante, basta dizer que a História se

utiliza da Literatura como interpretação da realidade vivida pelo autor e dos personagens como representações interpretativas de perfis sensíveis dos seres humanos. Ou, nas palavras de Roger Chartier (2003), a obra é um produto da negociação entre a capacidade inventiva do escritor e as possibilidades que lhe são oferecidas dentro do seu tempo histórico. Posto isso, é possível visualizar claramente onde se encontram os elementos históricos presentes em uma obra literária que só são visíveis quando a “devolvemos” ao seu tempo e ali lançamos validades.

Do mesmo modo, quando a opção se faz por uma obra literária que tem como protagonista uma figura mítica do imaginário humano, as questões se ampliam e se tornam mais delicadas. Há a clara noção de que o mito só pode ser compreendido pelo prisma historiográfico quando recuperado em seu *locus* temporal e espacial, pois é ali que se encontram o emaranhado de sentidos aos quais ele alude. Luiz Costa Lima em *História, Ficção, Literatura* assim define a construção de um mito ocidental perante sua historicidade:

O mito não veste, não alimenta nem ensina a abrigar o corpo. Ao ser elaborado, já encontrava seu agente de posse das condições mínimas de cobrir-se de colher e de adaptar-se às condições ambientes. Ele responde a outro tipo de carência: oferece uma explicação para as relações que o grupo privilegia, para suas instituições e costumes; para a natureza que cerca o homem e para os poderes que o teriam engendrado. (2006, p. 15).

Lima explicita justamente a necessidade de se observar as relações e condições que oferecem subsídios para as adaptações dos mitos, pois são elas que regem a construção da historicidade. José Saramago, em entrevista a Carlos Reis (1998) aponta que a criação de suas obras tem estreita relação com suas dúvidas e crítica individual e que elas fazem parte de um campo maior da sociedade, são compartilhadas por outras pessoas, daí o motivo pelo qual seu trabalho tem sentido para o leitor.

“caim é o que matou o irmão, caim é o que nasceu para ver o inenarrável” (SARAMAGO, 2009, p. 142). Em poucas palavras o escritor português José Saramago pincela a personagem bíblica e, ao mesmo tempo, lança cores à criação de sua última obra. Dezesete anos depois de recriar o

novo testamento em *Evangelho segundo Jesus Cristo* (1992) no qual a humanização de Cristo é posta, e o debate entre o filho de Deus e seu pai é sempre vencido pelo criador, *Caim* traz uma releitura do velho testamento, no qual o primeiro filho de Adão emendará debates filosóficos e ideológicos com Deus. O surpreendente é que, nesta obra, o humano vence o divino.

Os primeiros questionamentos entre “pai e filho” acontecem logo após a morte de Abel. Caim subleva-se ao discurso da divindade vingadora que deseja lançar a si a total culpa da morte do irmão. Deus, construído como personagem personificada na diegese saramaguiana, responde e inicia-se o primeiro embate filosófico e ideológico entre os dois. O que se tornará constante na obra.

Esse discurso é sedicioso, É possível que o seja, mas garanto-te que, se eu fosse Deus, todos os dias diria Abençoados os que escolheram a sedição porque deles será o reino da terra, Sacrilégio, Será, mas em todo o caso nunca maior que o teu, que permitiste que Abel morresse, Tu é que o mataste, Sim, é verdade, eu fui o braço executor, mas a sentença foi ditada por ti, O sangue que aí está não o fiz verter eu, caim podia ter escolhido entre o mal e o bem, se escolheu o mal pagará por isso, Tão ladrão é o que vai à vinha como aquele que fica a vigiar o guarda, disse caim, [...]E esse sangue reclama vingança, insistiu Deus, se é assim, vingar-te-ás ao mesmo tempo de uma morte real e de uma outra que não chegou a haver, Explica-te, Não gostarás do que vais ouvir, Que isso não te importe, fale, É simples, matei Abel porque não podia matar-te a ti, pela intenção estás morto. Compreendo o que queres dizer, mas a morte está vedada aos deuses, Sim, embora devesses carregar com todos os crimes cometidos em seu nome ou por sua causa, Deus está inocente, tudo seria igual se não existisse, Mas eu, porque matei, poderia ser morto por qualquer pessoa que me encontre, Não será assim, farei um acordo contigo, Um acordo com o réprobo, perguntou caim, mal acreditando no que acabará de ouvir, Diremos que é um acordo de responsabilidade partilhada pela morte de Abel, Reconheces então a tua parte de culpa, Reconheço, mas não digas a ninguém, será um segredo entre Deus e caim [...] (SARAMAGO, 2009, p. 35)

Em um primeiro momento observa-se a estética da escrita de Saramago. Há ausência de pontos finais, os diálogos são contínuos e os nomes próprios estão escritos em minúsculas. Para Salma de Oliveira Ferraz, essa forma de escrever insere o leitor em um turbilhão de imagens e diálogos, não deixando

que ele tenha uma leitura calma. Além do mais, as letras minúsculas indicam a pouca importância que estes personagens têm.

Agora é importante nos voltarmos para o conteúdo da narrativa. Ao ter a culpa compartilhada entre os dois personagens a primeira batalha entre Deus e Caim é vencida pelo fraticida. Afinal, ele apenas executou algo que o juiz determinou ao ter seu favorito entre os dois irmãos. Seu crime quase é redimido e sua culpa é minimizada, por não ter sido quem arquitetou o crime.

Caim também lança críticas ao fato de Deus ter podido se apresentar a qualquer momento antes do crime. Saramago auxilia na interpretação ao deixar o narrador explicar que Deus aparece, atrasado, como sempre (basta que lembremos que também se atrasa para impedir Adão e Eva de comer do fruto proibido). Inúmeras alternativas poderiam ter sido apresentadas no lugar do fratricídio, mas nenhuma delas foi a escolha divina. Contra isto que Caim se rebelou.

Essa rebeldia fica explícita na intertextualidade da frase “Abençoados os que escolheram a sedição porque deles será o reino da terra”. Mais uma vez um personagem saramaguiano inverte as relações entre céu e terra, entre Deus e humano. A terra seria, portanto, dos marginais, daqueles que se rebelam contra as autoridades, em especial, pela maior de todas: a divina. Desse modo, “há uma *consciência dinâmica* na obra de Saramago e essa consciência recorre ao tema Deus para negá-lo e para criticá-lo”. (destaque da autora) (OLIVEIRA, 2002, p. 181)

Saramago narra que Abel e Caim eram, além de irmãos, grandes amigos, todavia essa harmonia é quebrada no instante em que as oferendas de Abel são bem aceitas pelo criador e as de Caim recusadas. Esse ritual serve para renovar a aliança entre os irmãos e Deus, ao recusá-las há o rompimento desta aliança.

A releitura que Saramago faz do texto bíblico preenche algumas lacunas também em relação à personalidade de Abel. A narrativa conta que em lugar de compadecer-se pelo sofrimento do irmão e ampará-lo, ele enalteceu a sua própria pessoa, escarneceu de Caim e proclamou-se o “eleito” de Deus. Isso se repetiu toda vez que a oferenda de Abel foi aceita e a de Caim não. Quando os

produtos agrícolas de Caim são rejeitadas há a clara preferência, segundo Oliveira, pela carne e sangue oferecidas por Abel. O que pode ser lido como uma metáfora para um Deus que é agrado pelo sacrifício e pela morte.

Saramago, mais uma vez, não escolhe narrar a diegese “do favorito do senhor”, mas sim do pária. Essa opção em ler a narrativa de Abel e Caim por este prisma já havia aparecido no *Evangelho Segundo Jesus Cristo*. O narrador de *Evangelho*

questiona o absurdo que foi o comportamento de Deus ao não aceitar o sacrifício de Caim em detrimento do de Abel (*ESJC*, p. 249), porque Caim ofereceu frutos e Abel, carne com sangue, dando a entender que, desde aquela época, Deus já tinha uma preferência especial por esse líquido vermelho. (OLIVEIRA, 2002, f. 211-212)

Deste modo, fica reafirmado que a primeira violência que ocorre entre seres humanos só acontece por vontade divina e ele se compraz dessa violência. Então, se Deus faz o homem à sua imagem e semelhança, como explicam as escrituras, e este Deus tem a violência em sua personalidade, é natural que os seres humanos se assemelhem a ele também nesse quesito.

Interessante observar que tanto a violência quanto a vingança aparecem nas escrituras bíblicas, pela primeira vez executadas pelas mãos divinas e não pelos seres humanos. Ademais, os primeiros que agem com violência o fazem porque estão sendo testados pela divindade.

O texto bíblico, em especial o relato do Gênesis, para o autor é potencialmente violento, como, aliás, o é toda a história do Velho Testamento. Também o dilúvio, o episódio da Torre de Babel, a destruição de Sodoma e Gomorra, para o autor são atos de extrema violência. Em ambos os episódios ocorre a destruição, a aniquilação completa dos homens. Conclui suas colocações, dizendo ainda que a expressão máxima da violência, o limite máximo da violência do cristianismo, é Cristo crucificado, morrendo ensanguentado numa cruz. (OLIVEIRA, 2002, f. 166-167)

Nessa mesma linha, retomando o supracitado trecho de Caim, observamos que Deus afirma que o sangue de Abel “reclama vingança” e ele, enquanto, Deus teria que efetivar a mesma. Na diegese de Saramago, a vingança acontece quando Caim é marcado com um sinal na testa e

condenado a não morrer jamais, vagando pelo espaço e tempo, o que seria uma recriação sobre a afirmativa bíblica do “desterro”. É neste momento que as aproximações entre o protagonista e o mito do Judeu Errante se realizam.

Maria Luiza Tucci Carneiro, em *O Veneno da Serpente* (2003), narra a lenda do Belibeth, um judeu que se envolveu na crucificação de Cristo, pois acreditava que este era um charlatão, ao longo do martírio acusou Jesus, tornou-lhe o caminho mais difícil negando água e descanso, ao final ainda zomba de sua condição de crucificado. A tudo isso o nazareno responde impondo-lhe um castigo: “ele seria um imortal, ainda que a imortalidade não lhe traria felicidade: andaria sem cessar, vagando pelo mundo até o dia final (...). Predestinado para ‘correr nação por nação’, aquele homem ‘maldito’ foge para cumprir a sua espinhosa missão” (2003, p. 41).

Nesta mesma via, no dicionário de mitos literários organizado por Pierre Brunel, o mito do Judeu errante é assim expresso:

Errante, um conceito que se forma do conhecimento de um céu ou de um destino; errante, associado ao próprio movimento da história humana; errante, como indissociável de um castigo cujas origens foram aproximadas aos mais antigos mitos cósmicos: tais são os elementos heterogêneos que se acham reunidos no complexo mito do Judeu Errante. Figura trágica como poucas, esse eterno viajante está condenado a vagar sem repouso até o Julgamento Final; nele, a imortalidade sobre a Terra torna-se paradoxalmente a sanção mais terrível que pode atingir um homem, uma vez que o exclui de toda afeição humana e faz com que ele veja tudo à sua volta morrer, desaparecer e renascer. (BRUNEL, 2005, p. 665)

Dessa maneira, é conferida “à imortalidade sobre a Terra o valor edificante do arrependimento e da resignação”. (BRUNEL, 2005, p. 666) O judeu errante espera pelo final dos tempos quando poderá se arrepender na vinda do Senhor e conseguir seu perdão. Somente neste instante é que sua trágica condição será mudada. O judeu errante “não pode mais perder sua vida porque perdeu sua morte”. (BRUNEL, 2005, p. 666) Um ser que não morre esta condenado a não ver sentido em sua vida que não tem um propósito ou um final. A aproximação entre Caim e o Judeu errante aparece pela primeira vez no século XIII:

a corrente iluminista, que profetiza um sincretismo novo, confere um poder novo ao sobrevivente. Ademais, dá-se ao herói uma consciência mítica, comparando-o a Caim, o primeiro fraticida. Rejeitado como ele, torna-se também suscetível de universalizar-se, interiorizando a revolta do indivíduo prisioneiro de suas paixões contra um poder arbitrário: o caráter errante de Ahasverus propõe aos escritores um arcabouço dramático apto a simbolizar a condição de todo homem em seu enfrentamento com o espaço e o tempo, esse homem que, entregue a seus demônios interiores, é capaz de transformar sua maldição em redenção. (BRUNEL, 2005, p. 667)

Com sentidos próximos, mas com destaque especial para a sublevação, o século XX aproxima os dois mitos, comparando-os:

Comparando-o a Caim, lhe atribuímos a revolta do homem contra o Pai e os termos prévios do desafio, lançado a uma divindade vingadora: um pecador acusa a Divindade, negando a validade do castigo, de tal modo que o tema da perambulação exemplar é metamorfoseado em tema de libertação. (BRUNEL, 2005, p. 669)

É justamente com estas características que Saramago irá dar vida ao seu Caim. Este é um personagem que questiona sua existência e seu criador em todos os momentos. Além disso, nos embates principais vence, pela retórica e pelos fatos, e Deus cede às suas palavras.

Portanto, Caim é uma paródia irônica do Gênesis cristão. O uso da bíblia como matéria-prima nas obras do escritor português não é novidade. Oliveira, em sua tese *As Faces de Deus na obra de um ateu José Saramago*, indica que em n' *O Ano de Morte de Ricardo Reis*, escrito por Saramago, todo o Gênesis cristão é recontado pelo prisma humanista e ceticista. Tudo é dessacralizado, assim como os nomes próprios dos que "são escritos em minúscula pelo narrador com a intenção de vulgarizar as personagens bíblicas". (OLIVEIRA, 2002, f. 37) O mesmo acontece com Caim. Oliveira, citando Aragão e Hutcheon, expõe:

Recordemos que a paródia opera uma inversão, uma degradação, um canto que perverte o sentido do outro canto, que "submete a tradição, o estabelecido, a novas possibilidades de realização..." (Aragão, p. 20), que se aproxima do burlesco, do profano, e que é extremamente antagônica em relação ao texto primeiro. Seu objetivo é "desnudar e desconstruir" e "...a sua função é de separação e

contraste” (Hutcheon, p. 14). Também opera uma inversão, um deslocamento pleno, uma descontinuidade, uma contra-ideologia, um intertexto das diferenças, instaura o jogo demoníaco, a divisão ou, noutra formulação, a "repetição com distância crítica, que marca a diferença em vez da semelhança” (Ibid, p. 50). (OLIVEIRA, 2002, f. 198)

O Caim saramaguiano só é possível de ser pensado em intertexto com o gêneses bíblico. Linda Hutcheon afirma que o texto parodiado só é compreendido quando o leitor consegue fazer o “vai e vem” intertextual, ou seja, reconhece na desconstrução a construção original. Todavia, há uma constante liberdade em preencher as lacunas, uma vez que, tal como aponta Cláudio de Sá Capuano, o texto bíblico pouco nos informa sobre Caim: “Após matar o irmão, segue para o desterro. Dele só se sabe que deixou descendência a partir do filho Enoch, unido a uma mulher não nomeada” (2009: 4). Também Pierre Brunel indica que há quatro lacunas “que favoreceram o desenvolvimento da imaginação ao longo dos milênios que se seguiram” (BRUNEL, 2005, p. 139). São elas: motivo pelo qual Deus aceitou a oferta de Abel e recusou a de Caim; o sangue derramado de Abel que clama vingança aos céus; o sinal que Deus coloca em Caim que lhe protege da morte e, ao mesmo tempo, se torna maldição por lhe dar vida eterna e, finalmente, as andanças de Caim. Esses acontecimentos são apenas lançados, não há qualquer explicação sobre eles.

Esse preenchimento renova de sentidos o velho testamento e marca, definitivamente, a face humana em confronto direto com o divino. Saramago insinua que Deus recusou a oferta de Caim primeiro porque lhe apetecia mais o sangue vindo do sacrifício feito por Abel, e, depois, porque a amizade entre os irmãos lhe causava ciúmes. Em relação ao sangue de Abel que clama vingança aos céus, fica evidente na narrativa saramaguiana que, em verdade, a vingança é invocada pelo próprio representante dos céus.

As duas últimas lacunas apresentadas por Brunel apresentam, como foi apontado em linhas anteriores, a aproximação de Caim com o judeu errante. A marca que carrega em sua testa é, ao mesmo tempo, benção, porque lhe

protege e amaldiçoa, pois lhe condena a viver até o juízo final, a assistir perecer tudo ao seu redor.

Esse tempo ele gasta visitando os principais fatos em que a ira divina se fez presente, em que o protagonista narra (apesar de ter nascido para ver o inenarrável) os principais eventos bíblicos do antigo testamento. Citando a obra, assim, apresenta-se essa “maldição” e “benção” lançada por Deus sobre Caim:

Andarás errante e perdido pelo mundo, Sendo assim, qualquer pessoa me poderá matar, Não, porque porei um sinal na tua testa, ninguém te fará mal, mas, em pago da minha benevolência, procura tu não fazer mal a ninguém, disse o senhor, tocando com o dedo indicador a testa de Caim, onde apareceu uma pequena mancha negra, Este é o sinal da tua condenação, acrescentou o senhor, mas é também o sinal de que estarás toda a vida sob a minha protecção e sob a minha censura, vigiar-te-ei onde quer que estejas. (SARAMAGO, 2009, p. 19)

A vida é dada como benção para Caim, todavia, é a vida eterna recheada com seus dissabores de ver tudo o que existe perecer. Além disso, ao marcar Caim, Deus lhe dá, ao mesmo tempo, protecção e vigília eternas. E a consequência direta desta vigília é a censura, pois o pária pode ser encontrado em qualquer lugar devido à marca que carrega. Ao ter visto grande parte dos eventos do antigo testamento, e narrar o quanto a vingança e violência divinas são pesadas, Caim decide exterminar a raça humana e não permitir sequer que os primeiros cristãos existam.

Deus finalmente é derrotado na obra de Saramago; não só o sagrado é questionado (*Terra do pecado*, a personagem Leonor), ou roubado (*Memorial do convento*, Blimunda) ou mesmo ordenado (Maria Madalena, em *O evangelho segundo Jesus Cristo*), mas o homem, a principal criação divina, é destruído. Mais uma vez é em nome do homem que Saramago cria Caim e deposita em suas mãos a missão de enfrentar e derrotar Deus, o que o protagonista bem faz ao eliminar todos os seres humanos na Arca de Noé. O cenário da arca, símbolo da salvação humana, é escolhido e parodiado por Saramago para representar o fim dos humanos.

Quando as tartarugas, que tinham sido as últimas, se afastavam, lentas e compenetradas como lhes está na natureza, Deus chamou, Noé, Noé, por que não saís. Vindo do escuro interior da arca, caim apareceu no limiar da grande porta, Onde estão noé e os seus, perguntou o senhor, Por aí, mortos, respondeu caim, Mortos, como, mortos, porquê, Menos noé, que se afogou por sua livre vontade, aos outros matei-os eu, Como te atreveste, assassino, a contrariar o meu projecto, é assim que me agradeces ter-te poupado a vida quando mataste abel, perguntou o senhor, Teria de chegar o dia em que alguém te colocaria perante a tua verdadeira face, Então a nova humanidade que eu tinha anunciado, Houve uma, não haverá outra e ninguém dará pela falta, Caim és, e malvado, infame matador do teu próprio irmão, Não tão malvado e infame como tu, lembra-te das crianças de sodoma. Houve um grande silêncio. (SARAMAGO, 2009, p. 89)

Caim considera que a primeira experiência de Deus ao criar a humanidade foi suficiente para que a mesma obra não fosse tentada uma segunda vez. Este é um dos motivos pelos quais mata, um por um, dos passageiros da Arca de Noé. O que seria um recomeço para os seres humanos torna o capítulo final.

Todavia, a frase que chama mais atenção neste trecho, e quiçá de toda obra, é “Teria de chegar o dia em que alguém te colocaria perante a tua verdadeira face”. Caim é este alguém que desvela as máscaras de Deus, ou suas faces, como bem coloca Oliveira. E coloca Deus contemplando sua “verdadeira face” e consegue o silêncio (quem sabe de consentimento) quando relembra a matança em Sodoma e Gomorra à qual não se livraram nem mesmo as crianças, que ambos concordam, eram inocentes.

Oliveira ao traçar o perfil de Deus na obra saramaguiana afirma que “embora seja ateu, em sua obra deus está presente e participa do destino da humanidade” (OLIVEIRA, 2002, f. 249-250). Em *Caim*, o protagonista se iguala a Deus durante os diálogos. Talvez seja a única personagem de Saramago que não apenas contesta os desígnos divinos, como também vence a maior das discussões e, no final, elimina a sua criação. Isso significa que Deus deixa de participar “do destino da humanidade” e Caim toma este lugar. Ele não é um ser humano que se sente impotente com relação às ações do criador, ele se rebela e consegue mudar o curso da história humana.

Diferente dos embates entre o humano e Deus nos romances anteriores de Saramago, Caim é o personagem que finaliza estas relações e altera não somente a sua situação enquanto homem, mas a condição de todos os homens, ao eliminar a raça humana na arca. O ser humano enquanto cristão desaparece, Caim não permite sequer que ela aconteça, pois interrompe a teleologia dos fatos que conhecemos: Éden, Cristo e Juízo Final. E o final da diegese é um eterno debate entre Deus e Caim, o único humano vivo, que só o é por castigo divino, talvez, porque este não quisesse ficar só durante toda a eternidade.

Bibliografia

- ALAVARCE, Camila da Silva. *A Ironia e suas Refrações: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. Prefácio de Jacques Le Goff, Apresentação à edição brasileira de Lilia Moritz Schwarcz e Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BRUNEL, Pierre. (org.). *Dicionário de Mitos Literários*. Tradução de Carlos Sussekind [et al.]. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 5ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976).
- CAPUANO, Cláudio de Sá. Revisitando Histórias Bíblicas: *Caim* de José Saramago, em *Palimpsesto*, n. 08, ano 8 (2009), disponível em: http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num8/resenhas/Resenha_ClaudioCapuano.pdf, acesso em 26 de maio de 2012.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O Veneno da Serpente: reflexões sobre o anti-semitismo no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2002.
- CHARTIER, Roger. *Formas e Sentido*. Cultura Escrita: entre a distinção e a apropriação. Tradução de Maria de Lourdes e Meirelles Matencio. Campinas,

SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003. (Coleção Histórias da Leitura).

FERRAZ, Salma. Quais são as faces de Deus?, em *IHU On-line. Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo, 06/07/2009, Ed. 299, disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1246967292.6778pdf.pdf>>, acesso em: 09/07/2010.

FERRETO, Alcina Aparecida M. *O Discurso Paródico no Cristo de José Saramago*. São Paulo, 2007, 102 f. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A Invenção das Tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JAUSS, Hans Robert. et al. *A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LIMA, Luiz Costa. *História, Ficção, Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

OLIVEIRA, Salma Ferraz de Azevedo de. *As Faces de Deus na obra de um ateu – José Saramago*. Campos de Assis, 2002, 285 f. Tese de doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras (Área de Concentração: Literaturas de Língua Portuguesa – Linha de Pesquisa: Teorias da Narrativa). Universidade Estadual Paulista.

PESAVENTO, Sandra Jatay. *História & Literatura: uma velha-nova história*, em *Nuevo Mundos Nuevos*, Debates (2006) [En línea], Puesto en línea el 28 enero 2006, disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/1560>>, acesso em: 04/05/2012.

_____. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

REIS, Carlos. *Diálogos com Saramago*. Lisboa: Caminho S/A, 1998.

SARAMAGO, José. *Caim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *História do Cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Levantado do chão*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

_____. *Memorial do convento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

____. *O evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

____. *Terra do pecado*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

SOUZA, Ronaldo Ventura. *O Jesus de Saramago e a Literatura que revisita Cristo*. São Paulo, 2007. 156 f. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.